

ANALISANDO A OPINIÃO DE USO DA FOLKSONOMIA PELOS FUNCIONÁRIOS DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB

Andréa Moreira dos Santos

Graduada em Biblioteconomia
Universidade Federal da Paraíba
andreamoreirasantos@hotmail.com

Márcio Bezerra da Silva

Doutorando em Ciência da Informação
Universidade Federal da Bahia
Professor da Faculdade de Ciência da Informação
Universidade de Brasília (UnB)
marciobdsilva@umb.br

Relato de Pesquisa

Resumo

Mensura o desejo de uso da folksonomia pelos funcionários que usam o *Ortodocs*, sistema de automação de biblioteca (SAB) adotado pela Biblioteca Central (BC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Discute biblioteca, representação da informação e *Web 2.0*, com enfoque na folksonomia. Adota, como percurso metodológico, as técnicas de pesquisa exploratória e bibliográfica, com a abordagem de coleta de dados quanti-qualitativa junto a 20 pesquisados da BC/UFPB no período de 11 a 12 de março de 2013. Encontra, como resultados da pesquisa, que a maioria dos pesquisados usa a Internet mais de 12 vezes na semana, sabe o significado do termo folksonomia, aprova o uso da folksonomia no SAB e acredita que a biblioteca pode ser considerada atualizada ao adotar a folksonomia, indo ao encontro dos preceitos da *Web 2.0*. Concluiu-se que o uso da folksonomia é desejado pela maioria dos funcionários pesquisados, pois os usuários poderiam colaborar uns com os outros, como também com os bibliotecários, apresentando sugestões de termos a serem inseridos na taxonomia padrão do sistema enquanto uma coexistência entre taxonomia e folksonomia. Almeja novos estudos, inclusive a realização de investigações sobre o *Ortodocs* após a atualização e/ou aquisição de novo sistema na BC/UFPB, pois o hibridismo de sistemas talvez seja o meio termo desse debate, ao qual um modelo potencializará e influenciará o outro com vistas à colaboração social.

Palavras-chave

Sistema de automação de biblioteca. Representação da informação. Folksonomia. Hibridismo. *Web 2.0*. Universidade Federal da Paraíba.

1 INTRODUÇÃO

De longa data, a biblioteca vem sendo um local de conservação de livros, documentos etc., por razões intelectuais e/ou particulares. A ideia de conservação não percorria os aspectos disseminadores de informação, mas no sentido de poder, de dominação, de guarda, como as abadias, os mosteiros da Idade Média. Chegando a contemporaneidade, as bibliotecas assumem

outra ideologia, buscando tratar e organizar a informação com fins de recuperação ao seu público. Neste momento, a disseminação torna-se fundamental para o sucesso da biblioteca, especialmente no século XXI, através do avanço das recentes tecnologias da informação (TI).

A biblioteca assume novas perspectivas, serviços e, principalmente, busca romper as paredes físicas e permitir que a informação seja acessada de qualquer local pelos

usuários. O citado panorama de mudanças afeta ações como a representação temática da informação, atividade em que os documentos devem estar compreensíveis aos seus usuários segundo o uso de termos, palavras-chave, descritores, símbolos etc. para sua efetiva organização e eficiente recuperação.

Pensando na ótica do ambiente digital, mais especificamente à Internet, as representações por palavras-chave passam a ser chamadas de *tags*, nos permitindo ir ao encontro da folksonomia, neologismo criado em 2004 por Thomas Vander Wal, a partir da junção de folk (povo, pessoas) com *taxonomy*, e que define a forma de indexar e classificar a informação na *Web 2.0*.

A partir dessas considerações surgiram questões que representaram a problematização deste estudo, conforme as leituras sobre a aplicação da folksonomia em ambientes digitais: *Os funcionários da Biblioteca Central (BC) conhecem a folksonomia? Os funcionários da BC têm interesse em usar a folksonomia no sistema de automação? Quais são as opiniões dos funcionários da BC pelo possível uso da folksonomia no sistema de automação?*

Para tanto foi proposto, como objetivo geral, analisar a opinião dos funcionários da BC, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), quanto ao uso da folksonomia no sistema de automação de biblioteca (SAB) *Ortodocs*¹ segundo um percurso metodológico formalizado pelas técnicas de pesquisa exploratória e bibliográfica, com abordagem de coleta de dados quanti-qualitativa frente a aplicação de um questionário semi-estruturado com perguntas abertas e fechadas a 20 funcionários da Instituição no período de 11 a 12 de março de 2013.

2 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A informação, de modo geral, vem ganhando cada vez mais importância na formação das sociedades. Ela vem atuando como elemento direcionador na tomada de

decisão, seja no âmbito pessoal, como também no profissional. Porém, para que realmente seja utilizada, é necessário um tratamento com fins de torná-la compreensível ao usuário que dela necessita. De acordo com Da Silva e Neves (2010, p. 1), “esta ação ocorre ao longo dos tempos, apresentando diversas formas e técnicas, usadas para organizar o conhecimento humano [...]”. Os autores destacam a ciência da informação (CI) como um campo que estuda e realiza o tratamento técnico da informação. Griffith (1980 *apud* CAPURRO, 2003, *online*) ressalta que a CI essencialmente busca “[...] a produção, seleção, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação”.

A ação discutida na ótica do tratamento técnico chama-se representação da informação, que por sua vez influencia, conforme pode ser observado em trabalhos realizados por Miranda (2005), Da Silva e Neves (2010) entre outros estudiosos, na criação de ferramentas e reestruturação de teorias, na apresentação de uma linguagem próxima a do usuário, na contribuição à uma correta organização e no sucesso dos processos de busca e recuperação.

A representação da informação pode ocorrer em duas perspectivas, sendo uma descritiva e a outra temática. Enquanto enfoque do presente trabalho, a versão temática é responsável pelo processo de extrair ou atribuir termos representativos aos documentos com o objetivo de referenciá-los para uma melhor recuperação, além de oportunizar o profissional da informação estudar o assunto analisado.

Para Miranda (2005, p. 117), os processos da representação temática da informação, também chamados de indexação, ocorrem de acordo com as seguintes fases: “primeiro coletamos os dados e as informações, segundo as classificamos usando um sistema de relações ontológicas, e finalmente os disponibilizamos para os usuários”. Trata-se de abranger “[...] tarefas tais como identificação de um documento, determinação do assunto de que trata a seleção dos termos a empregar para representar nos índices” (PI-EDADE, 1983, p. 9), variando entre lingua-

¹ Vale salientar que atualmente a BC/UFPB não utiliza mais o *Ortodocs*, migrando para o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA). Link: <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/home.jsf>

gem natural (LN) e controlada (LC). Segundo Lancaster (1993, p. 200, grifo do autor), LN “[...] normalmente se refere às palavras que ocorrem em textos impressos, considerando-se como seu sinônimo a expressão ‘texto livre’”. Por sua vez, à LC, também conhecida como artificial ou “[...] vocabulário controlado, pode ser definida como um conjunto limitado de termos autorizados para uso na indexação e busca de documentos” (LOPES, 2002, p. 42).

Em suma, a informação é um ciclo que depende de uma representação compreensível a quem precisa e de uma organização funcional, perpassando por várias fases/etapas/ciclos etc., compreensão esta que vai ao encontro da fase da Internet intitulada de *Web 2.0*, ambiente onde a representação da informação ocorre de forma colaborativa.

3 A GERAÇÃO *WEB 2.0*: UM AMBIENTE DIGITAL DE COLABORAÇÃO

Com a evolução tecnológica, as atividades de representação da informação vêm desenvolvendo-se cada vez mais com a colaboração de várias pessoas, opondo-se ao que ocorria na *Web 1.0*, espaço da Internet em que as formas de organização da informação e navegação eram realizadas, e definidas, apenas por profissionais e/ou proprietários dos sites. A partir da *Web 2.0*, a realidade mudou, assim como defende Da Silva (2010, p. 2), ao afirmar que “[...] organizar a informação nesse ambiente já se tornou uma prática, uma necessidade de qualquer usuário virtual e, conseqüentemente uma ação presente no conjunto de todas as outras que realizamos”.

Também chamada de *Web Social*, a versão 2.0 pode ser considerada a maior revolução que a Internet já passou ao fornecer mais acessibilidade e interação aos usuários quando se trata da disseminação de informação. Criada em 2004 por Tim O'Reilly, proprietário da editora de livros americana O'Reilly, para designar uma segunda geração de comunidades e serviços. Adotando o conceito de *Web* como plataforma, na *Web 2.0* temos como exemplos os ambientes *Wikis*, aplicativos baseados em folksonomia,

redes sociais, *blogs*, *bookmarks*, *Rich Site Summary* (RSS) etc. Para O'Reilly (2005, p. 2), “o serviço fica automaticamente melhor quanto mais pessoas usam”, ou seja, quanto mais existir a coletividade, maior será a potencialidade na troca de informações para a construção do conhecimento. Conforme Blattmann e Silva (2007, p. 197), a *Web 2.0* passa a apresentar “[...] um nível de interação em que as pessoas poderiam colaborar para a qualidade do conteúdo disponível, produzindo classificando e reformulando o que já está disponível”.

A *Web 2.0* causou uma mudança considerável na era digital, já que para Davis (2005, *online*), “é uma atitude e não uma tecnologia, pois trata da possibilidade e o incentivo a participação através de aplicações socialmente abertas”, formalizando o papel do colaborador, nome usado para o usuário da *Web 2.0*. Para tanto ocorre a atribuição de *tags*, de forma prática, que remeta a uma fácil recuperação da informação já que aproxima pessoas que comulgam das mesmas ideias, dos mesmos interesses.

O cenário de colaboração na *Web 2.0* tem os seus primórdios em ambientes intitulados de *bookmarking*, ou seja, um sistema tido como favoritos ou marcadores de livre acesso, objetivando guardar os endereços de sites que o usuário tem interesse, além de compartilhar esta lista com outras pessoas. Neste sentido, a ferramenta inicial que trouxe a proposta do *bookmarking* foi o *Delicious*², ambiente desenvolvido por Joshua Schachter e que começou a funcionar no final de 2003.

Outra ferramenta de sucesso e que marca o início da *Web 2.0* chama-se *Flickr*³, que objetiva atuar como serviço de hospedagem e compartilhamento de imagens/fotografias e vídeos. Serviços como o *Flickr* também são comumente rotulados de *flogs*, termo abreviado de *fotolog* (foto e *blog*). A grande diferença para o *blog*, que também faz parte da fase inicial da *Web 2.0*, é que no *flog* se dá o uso acentuado de imagens, ao invés de textos, como é a proposta do primeiro citado.

² Site: <https://delicious.com/>

³ Site: <https://www.flickr.com/>

Mais um serviço que marcou a etapa primária da *Web 2.0* foi o RSS, mnemônica traduzida por extenso como **RDF Site Summary** e **Really Simple Syndication**, além do já citado **Rich Site Summary**. Surgido no início de 1999 e propôs o uso de arquivos de extensão *eXtensible Markup Language* (XML) e *Resource Description Framework* (RDF) para gerar os chamados **feeds** ou **feeds RSS**. Conforme Alecrim (2011), sites e *blogs* podem divulgar conteúdo novo de maneira rápida e precisa. Para o usuário, a vantagem está em poder ser informado de cada novidade de seus sites preferidos.

Na perspectiva de ambientes que permitem a criação livre e colaborativa de informações, temos os ambientes *Wikis*, com destaque ao *Wikipédia*⁴. Já em tempos recentes, os serviços que veem fazendo sucesso são as redes sociais, que variam entre perfis pessoais, microblogs, imagéticos, áudio/vídeo etc. Entre as ferramentas, destacamos o *Facebook*⁵, o *Twitter*⁶, o *Instagram*⁷, além do tradicional *Youtube*⁸ respectivamente

A proposta da *Web 2.0* também atingiu a biblioteca, que a partir da adoção de ferramentas colaborativas, rotula-se de biblioteca 2.0. Diferente da biblioteca tradicional, que precisa de um espaço físico, e que para ter acesso ao acervo deve-se estar presente, a biblioteca 2.0 permite que seus usuários tenham acesso, através da rede, enfatizando a inteligência coletiva, especialmente no que se refere ao compartilhamento de informação. Esta biblioteca refere-se a “[...] aplicação de interação, colaboração, e tecnologias multimídia baseadas em web para serviços e coleções de bibliotecas baseados em web, e sugere que esta definição seja adotada pela comunidade biblioteconômica” (MANESS, 2007, p. 45). Desta forma, a biblioteca 2.0 se apresenta a uma comunidade com interesses comuns, vislumbrando o compartilhamento de informações, conteúdos e/ou documentos. É neste cenário que o bibliotecário 2.0 atua, fazendo conexões

relevantes entre a informação e sua comunidade no espaço da Internet e valorizando a dinamicidade e interatividade.

Os ambientes supracitados fazem uso da atribuição de *tags*, ação possível graças a folksonomia “[...] com base no hipertexto, que subverte antigas formas de taxonomia e converge com os ideais de cooperação derivados da noção de web 2.0” (AQUINO, 2007, p. 3). Campos (2007, p. 3) complementa ao defender que “uma folksonomia é uma taxonomia gerada pelo próprio usuário para categorizar e recuperar conteúdo publicado na Web por meio da criação de rótulos”. Sendo assim, neste trabalho, a folksonomia é encarada como uma forma de indexar e classificar a informação de um ambiente *Web* a partir da LN dos usuários.

4 FOLKSONOMIA: INDEXAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO COLETIVA

A folksonomia é uma ação de indexação e classificação coletiva, feita por usuários e de forma livre, assim compreendida por Catarino e Baptista (2007, *online*) da seguinte forma:

A tradução do termo folksonomy que é um neologismo criado em 2004 por *Thomas Vander Wal*, a partir da junção de folk (povo, pessoas) com *taxonomy*. Para Wal (2006), Folksonomia é o resultado da atribuição livre e pessoal de etiquetas (*tagging*) a informações ou objetos (qualquer coisa com URL⁹), visando à sua recuperação. A atribuição de etiquetas é feita num ambiente social (compartilhado e aberto a outros).

A frustração na busca por uma informação está longe de ser solucionada, sendo um dos maiores desafios enfrentados pelos profissionais da informação na atualidade, mas tomando como base a fala de adeptos da folksonomia, como Vander Wal, tais profissionais devem promulgar pela or-

⁴ Site: <https://pt.wikipedia.org/>

⁵ Site: <https://pt-br.facebook.com/>

⁶ Site: <https://twitter.com/?lang=pt>

⁷ Site: <https://instagram.com/>

⁸ Site: <https://www.youtube.com/?gl=BR&hl=PT>

⁹ *Uniform Resource Locator* (Localizador-Padrão de Recursos).

ganização da informação de forma simples, natural, permitindo que sejam encontradas rapidamente e respeitando a língua dos usuários.

Na *Web*, a folksonomia pode ser considerada o resultado de etiquetagem pelos próprios usuários, visando a recuperação de informação em ambientes abertos que possibilitem o compartilhamento e até, em alguns casos, uma construção conjunta de conteúdos. O seu funcionamento é simples, ao qual o usuário é quem indexa e organiza as informações no ambiente (texto, foto, *e-mail*, página da internet, filme etc.), que por sua vez usa *tags*. Além disso, para que a folksonomia ocorra em sua essência, não deve haver o envolvimento de um profissional especializado e de um vocabulário controlado. Vale salientar que este sistema de indexação e classificação oferece uma série de características que a tornam interessante ao atual público da *Web*, pela sua liberdade e interatividade, mas negada por profissionais mais conservadores da representação da informação.

A palavra em inglês *tag*, em português traduzido como etiqueta, é uma palavra-chave (relevante) ou termo associado usado para representar o resultado da folksonomia. Em países como os Estados Unidos, a ação da folksonomia, de adotar *tags*, é comumente chamada de *tagging*, revelada em português como taguemento.

Da Silva (2010), Silva e Kato (2010) afirmam que três características podem ser consideradas como as mais relevantes na folksonomia: flexibilidade, identificação de padrões e colaboração social. Ainda segundo Da Silva (2010, p. 9-10, grifos do autor), estas características são assim definidas:

- a. A *Flexibilidade* é considerada a vantagem mais clara do uso desse tipo de sistema de classificação da informação, ao nos basearmos em outras estruturas como as taxonomias e as ontologias;
- b. A *Identificação de Padrões* [...] possibilita a identificação de padrões de organização de informação, conceitos compartilhados e de colaboração entre as pessoas, por

meio de tecnologias de Data Mining¹⁰ e de análise de redes sociais;

- c. Na *Colaboração Social*, a informação ganha relevância por meio de uma espécie de *filtro social*. Caso os usuários comunguem quanto à relevância de uma mesma informação e a classificam com uma mesma *tag*, a probabilidade de recuperação dessa informação será muito maior.

A partir das características apresentadas, é muito importante analisar em que tipo de contexto a folksonomia será usada, uma vez que ela possui seus benefícios, mas também pode ser problemática. Outra característica, considerada por alguns estudiosos como o ponto negativo da folksonomia é forma anárquica como nascem os termos (*tags*). Da Silva (2010, p. 10, grifos do autor) destrincha como seria esta característica dita como negativa:

- a. [...] o uso de *Plurais* pode ser um grande problema, caso o SI¹¹ não apresente, em sua recuperação, capacidade de associar palavras no singular e no plural. Desta forma, o sistema irá considerar tais palavras como classificações distintas;
- b. [...] a possibilidade de existência da *Polissemia* [...]. Uma palavra pode representar inúmeros significados, de acordo com o contexto em que é aplicada, como, por exemplo, a palavra *manga* que, segundo o Dicionário Aurélio (2009), pode assumir seis definições diferentes;
- c. A *Sinonímia* é outro ponto a ser observado [...], já que a utilização de diferentes palavras consideradas

¹⁰ *Data Mining*, ou Mineração de Dados, pode ser entendida como o processo de extração de informações, sem conhecimento prévio, de um grande banco de dados e seu uso para tomada de decisões. É uma metodologia aplicada em diversas áreas que usam o conhecimento, como empresas, indústrias e instituições de pesquisa. Data Mining define o processo automatizado de captura e análise de grandes conjuntos de dados para extrair um significado, sendo usado tanto para descrever características do passado como para prever tendências para o futuro. (SFERRA; CORRÊA, 2003, p. 20)

¹¹ Sistema de informação.

semelhantes, que assumem o mesmo significado para representar determinada informação, faz com que, ao se efetuar uma busca com a utilização de uma *tag* escolhida pelo usuário, o sistema não recupere todos os itens relacionados ao assunto, como, por exemplo, as palavras cão e cachorro para o assunto *animal amigo do homem*;

d. O uso de palavras consideradas *Egoístas* também pode contribuir [negativamente, pois a] Folksonomia não impõe regras para a escolha das *tags* a serem utilizadas. Com isso, o usuário poderá fazer uso de certas palavras que fazem sentido exclusivamente a ele, podendo atrapalhar na recuperação da informação, dificultar o desenvolvimento de atividades que necessitem daquela informação e direcionar para a tomada errada de decisões;

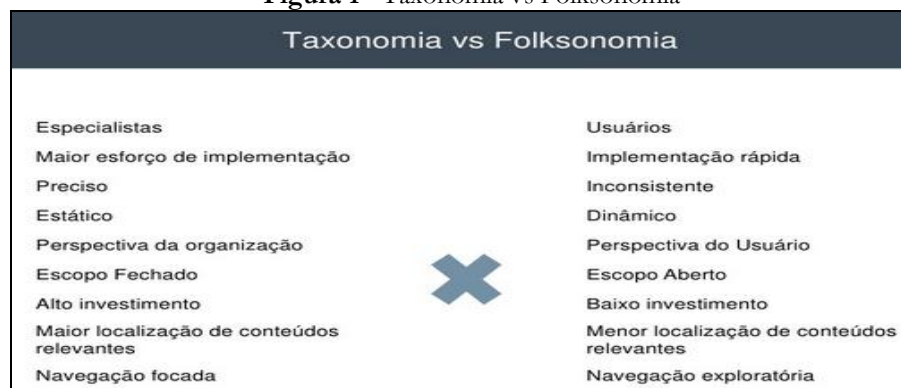
e. [...] a *Escrita incorreta* também merece atenção no uso da Folksonomia. Neste caso, devido a não existência de um controle no processo de indexação feito por espe-

cialistas, como os bibliotecários, faz com que a indexação e posterior classificação de conteúdos com *tags* que possuem grafia errada seja muito maior.

Pensando neste dualismo de valores, estudos surgiram, como os de Da Silva (2010), Silva e Kato (2010), que incentivam a coexistência entre taxonomia e folksonomia (taxo + folk), um sistema potencializando o outro em uma espécie de esquema híbrido. Segundo Da Silva e Miranda (2013, p. 17), o hibridismo formaliza um espaço indexado e classificado “[...] sem perder a flexibilidade e a interatividade, como também procura proporcionar um ambiente taxonômico respeitando o tagueamento realizado

Tomando como base os autores supracitados, acreditamos que esta seja uma faceta da representação da informação que merece o desenvolvimento de estudos. Para entender melhor o dualismo aqui levantado, apresentamos características da taxonomia e folksonomia na figura 1:

Figura 1 - Taxonomia vs Folksonomia



Fonte: Silva e Kato, 2010.

Um exemplo de serviço que faz uso da coexistência entre taxonomia e folksonomia é o *SlideShare*¹², ambiente de compartilhamento de arquivos, entre textos, planilhas, apresentações, vídeos, imagens etc. Conforme Da Silva (2010, p. 11), “além dos usuários poderem acrescentar suas próprias *tags* aos documentos, também os classificam nas categorias pré-determinadas pela estrutu-

ra fixa, taxonômica [...]”. Diante deste contexto, podemos dizer que o modelo exemplificado é considerado um sistema híbrido, pois um esquema complementa o outro. Além disso, a folksonomia influencia a taxonomia, pois as *tags* atribuídas pelos usuários são candidatas a comporem a estrutura rígida de classificação. Considerar tal influência é importante para os atuais ambientes digitais, provenientes da *Web 2.0*, devido a uma constância de mudança de terminologias e conceitos emergentes. Com isso, as *tags* ado-

¹² Site: <http://www.slideshare.net/>

tadas pelos usuários estarão inseridas em um constante processo de revisão e manutenção da taxonomia.

Outro exemplo é a criação de uma estrutura parcialmente hierárquica de categorias com base nas *tags* atribuídas pelos usuários. Para Mathes (2004 *apud* VIERA; GARRIDO, 2011) esta funcionalidade permite que “[...] as comunidades criadas em torno das tags, comunicam-se para mantê-las organizadas e debater acerca de seus significados possíveis”. Esta é uma abordagem que pode ser encontrada de duas formas, ou seja, por meio dos próprios usuários, construindo as relações de equivalência e hierarquias, ou a partir da geração automática de hierarquias pelo sistema conforme critérios pré-estabelecidos. Neste caso, quando o usuário realizar uma pesquisa sobre determinado assunto, o sistema ofertará outros relacionados, assim como ocorre nos atuais ambientes de *e-commerce*.

Diante do debate realizado sobre a folksonomia, podemos vislumbrar o seu uso nos SAB, visando apresentar formas dinâmicas e interativas de representar e classificar a informação com base na participação efetiva do usuário. O desejo seria de um ambiente em que haja a colaboração mútua entre os envolvidos (usuários e bibliotecários) no sistema. Em suma, a resultante seria a apresentação de sugestões de termos que posteriormente seriam inseridos na taxonomia padrão do sistema, criada e mantida pelos bibliotecários.

5 ANALISANDO E INTERPRETANDO OS DADOS DA PESQUISA

Na apresentação da análise, sobre a opinião dos funcionários da BC/UFPB quanto ao uso da folksonomia no SAB *Ortodocs*, a primeira questão tratava do perfil dos funcionários. Na sequência, as questões de dois até cinco abordaram o uso dos funcionários na Internet (e folksonomia). Em seguida, das questões seis até nove, os funcionários foram indagados sobre o uso pessoal do SAB e a possibilidade de implementação da folksonomia no *Ortodocs*. Por fim, na dé-

cima questão perguntou-se sobre a possibilidade da biblioteca ser considerada atualizada, ou não, a partir do uso da folksonomia no SAB.

5.1 Perfil dos Pesquisados

Na primeira parte do questionário, buscou-se identificar o perfil dos funcionários que compõe a BC/UFPB. Quanto ao *grau de instrução*, percebemos que a maioria dos funcionários, representando 90%, tem *nível superior* e apenas 10% possui *nível médio*. Por se tratar de uma biblioteca universitária, este resultado é satisfatório, nos apresentando o vislumbre de que a BC está bem assistida, teoricamente, por profissionais capacitados quanto ao grau de formação acadêmica.

Ainda nesta questão, os funcionários que possuem *nível médio* foram solicitados a informar o *grau de instrução* entre as opções *médio normal* ou *técnico-profissionalizante*. Infelizmente, a maioria, representada por 60%, não respondeu a presente questão.

Continuando na primeira questão, procurou-se descobrir o tipo de titulação quanto ao *nível superior*, ofertando as opções *graduação*, *especialização*, *mestrado* e *doutorado*. Respeitando a ordem de ocorrência, conforme o resultado apurado, percebemos que a maioria, composta por 65%, possui *graduação*, 20% possui *mestrado* e 05% possui *especialização*. A partir deste resultado, esperamos que os 10%, anteriormente citados, tenham o interesse de aprimorar ainda mais seus conhecimentos, visto que a busca pelo aperfeiçoamento acadêmico contribui para melhorar o seu intelecto e subsidiar proposições na indicação, desenvolvimento e implementação de novas ferramentas tecnológicas, como, por exemplo, o uso da folksonomia em seu SAB.

Finalizando a primeira questão, solicitou-se, quanto aos que possuem *nível superior*, a citação de qual seria o seu curso de formação. A maioria dos funcionários possui *graduação em biblioteconomia*. Este resultado, representado por 60% do total, já era esperado, pois a biblioteca é o campo tradicional de trabalho do profissional bibliotecário.

Além disso, comprovando, na teoria, a presença de um corpo profissional qualificado, conforme o resultado da primeira questão, destacaram-se os profissionais que possuem *mestrado* e *especialização*. Desta forma, compreendemos que existe certa preocupação por uma melhor qualificação acadêmica/profissional na Instituição.

5.2 Uso da Internet e da Folksonomia

Na segunda parte do questionário, procurando relacionar os funcionários com o uso da Internet e seus serviços (folksonomia), questionou-se sobre a frequência de uso do citado ambiente digital. Esta questão é interessante, pois mostra que, independente do grau de instrução, 100% faz uso da Internet. A maioria, correspondendo a 70% do total, acessa a Internet mais de 12 vezes na semana. Vale salientar que durante a aplicação do questionário, percebemos que os funcionários faziam uso de ferramentas da *Web 2.0* para interagir com amigos e familiares, como uma espécie de lazer. Essa experiência pode ser benéfica no momento da implementação de recursos da *Web 2.0* nos produtos e serviços da Instituição, diante da criada familiaridade de uso.

Seguindo a lógica da questão anterior, na interrogativa de número três, conforme o uso semanal da Internet, também decidiu-se perguntar sobre o acesso à programas de redes sociais, algo considerado rotineiro para os atuais usuários (digitais). O resultado mostrou-nos que, atualmente, é quase impossível não fazer parte deste mundo em que à conectividade se faz presente, correspondendo a realidade da maioria (95%) dos funcionários pesquisados. A necessidade de se comunicar e compartilhar arquivos, deflagrada pela ideologia da *Web 2.0*, já é uma realidade. Inclusive, as empresas, unidades de informação etc. estão investindo nesses espaços, buscando angariar cliente/usuários por meio do *marketing 2.0*.

Ainda na terceira questão, solicitou-se aos pesquisados que citassem os programas das redes sociais de uso pessoal mais frequente, com fins de complementar a questão anterior. Dentre as redes sociais, a

opção *Twitter* e *Facebook* foi a mais respondida, representando 35% dos pesquisados. Em seguida estão as opções *Facebook* (25%), *Facebook* e *LinkedIn* (25%), *LinkedIn* e *Delicious* (10%) e *não utilizam* (0,5%). Os resultados desta questão vão ao encontro de uma matéria publicada no site Olhar Digital (2012) frente ao destaque do *Facebook* nas respostas, correspondendo a 85% do total: “[...] o *Facebook* é a rede social mais dominante, sendo utilizado mensalmente por 90% dos pesquisados”. O presente resultado mostrou que os funcionários usam mais as redes sociais com fins sociais (lazer) se comparado ao foco profissional, como é o caso do *LinkedIn*. Vale salientar que alguns funcionários informaram desconhecer o significado de *Web 2.0*, apesar de terem escutado ou lido algo a respeito, além de não saberem que os serviços das redes sociais são ferramentas da própria *Web* estudada, talvez justificando a baixa ocorrência no resultado do ambiente *LinkedIn*.

Na sequência do questionário, na busca em saber a opinião dos funcionários sobre a ação de indexação e classificação da informação na *Web 2.0*, foi perguntado, no quarto quesito, se os mesmos sabiam o significado de folksonomia. Como era um fato esperado, de início, os funcionários tiveram dificuldades quando se depararam com a palavra em si. Foi preciso uma explicação sobre o que se tratava este termo. Diante da explicação, todos estiveram mais seguros para responder à questão, nos apresentando o montante de 80% que afirmou conhecer o termo e a sua presença nas ferramentas da *Web 2.0*.

Na quinta questão, seguindo a lógica do quesito anterior, houve o interesse em descobrir se os funcionários costumavam rotular/postar informações sobre produtos em *Websites* como livrarias, supermercados, lojas etc. Opondo-se a questão anterior, quando a maioria respondeu conhecer o significado de folksonomia, mesmo que inconscientemente, para 60% dos pesquisados não rotulam/postam informações na *Web*, contrariando a nossa expectativa. Provavelmente, o tagueamento feito pelos funcionários se limita ao uso das redes sociais aqui

levantadas, rotulando informações do perfil, nome de imagens, vídeos etc., como ocorre no *Facebook*, por exemplo e não comentando e avaliando produtos em ambientes como as livrarias digitais.

5.3 Uso da Folksonomia no SAB (*Ortodocs*)

Dando início a nova parte do questionário, na sexta questão, procurou-se descobrir se os funcionários fazem uso do SAB da BC. Compreendendo que esta é uma questão fundamental para responder as problematizações deste trabalho, como era previsto, a maioria (95%) faz o uso do sistema. Este resultado é importante para que se verifique, futuramente, a opinião dos mesmos sobre a atualização do SAB quanto a uma possível integração da folksonomia em sua estrutura funcional. Durante a realização desta pesquisa, o sistema sofria mudanças e a maioria dos funcionários criaram expectativas de melhor funcionalidade para o próximo ambiente, que será inserido ou atualizado, nos permitindo entender que a pesquisa veio em um momento oportuno para a tomada de decisão.

Ainda na questão seis, perguntou-se como os funcionários classificavam a descrição do material procurado no SAB, respostas estas que se valem da vivência profissional de cada um na BC. Metade dos funcionários está *satisfeita* com a classificação dos assuntos presentes na descrição do material procurado, enquanto que 40% informaram ser *insuficiente* e 20% não respondeu. Em seguida, os pesquisados, foram solicitados a justificarem suas respostas. Correspondendo a opção *suficiente*, destacamos a seguinte fala:

P.B.: “*é suficiente porque os assuntos do material indexado são desdobrados*”.

Quanto as outras respostas, destacaram-se os seguintes relatos dos funcionários que acham o sistema *insuficiente*, representados por 40% da população:

P.B.: “*o sistema é considerado insuficiente e rígido, para um sistema de bibliotecas*”;

P.C.: “*com o uso de uma nova ferramenta teria uma facilidade na indexação e na recuperação da informação*”.

Conforme as respostas que representam o sistema como insuficiente, nos permite inferir que o *Ortodocs* é um SAB que não apresenta os preceitos de interatividade e coletividade da *Web 2.0* (através da folksonomia), ou seja, é um sistema rígido, inflexível e não estimulante a participação de seus usuários.

Na próxima questão, de número sete, os funcionários foram perguntados se aprovavam o uso da folksonomia no SAB com fins de melhorar, ainda mais, o nível de satisfação identificado e reverter à insatisfação defendida por alguns pesquisados. Apesar de a questão ser uma pergunta inovadora para o presente *corpus*, onde às vezes a novidade traz alguns conflitos, os resultados obtidos foram satisfatórios, correspondendo a 70% dos funcionários, abrindo a possibilidade de mudanças na versão do SAB pesquisado como flexibilidade na indexação e na classificação, estimular os usuários a contribuir com os bibliotecários e usuários se ajudando entre si a encontrarem o que buscam.

Na oitava questão, relacionada à pergunta anterior, os funcionários foram perguntados se gostariam de usar a folksonomia no SAB, já que possuem certa compreensão sobre o modelo de representação da informação na *Web 2.0*. Do total, 65% informaram aceitar o usar da folksonomia no sistema da Instituição, corroborando com os resultados da questão anterior e com os preceitos defendidos pela *Web 2.0*.

A questão posterior, de número nove, indagou aos funcionários de que forma a folksonomia facilitaria suas pesquisas no SAB. Dentre as respostas coletadas, destacamos:

P.A.: “*seria mais um meio de buscar a informação facilitando a vida do usuário*”;

P.B.: “*tudo que é para facilitar a pesquisa é bom*”;

P.C.: “*com certo controle de qualidade para evitar descaracterização, ajudaria*”;

P.D.: “com um teste, se aprovado poderia ajudar”.

As respostas mostraram os anseios e as preocupações dos usuários pelo uso da folksonomia. Estudiosos mais tradicionais apresentam respostas como a dos pesquisados P.C. e P.D., entretanto, atualmente, podemos usar a folksonomia concomitante com a taxonomia, no que rotulamos de sistema híbrido. Também foi possível verificar respostas positivas quanto ao uso de estratégias que tragam benefícios às buscas dos usuários, assim como enfatizaram os pesquisados P.A. e P.B. Entendemos que todas as respostas se encontram na discussão “usuário X sistema” e não simplesmente na afirmação de um modelo ser melhor do que o outro sem estudos específicos, fazendo-se necessária a escolha de um sistema adequado à realidade do acervo, produtos e serviços da Instituição.

5.4 Biblioteca atualizada pelo uso da Folksonomia

A última questão da pesquisa procurou consolidar, ou não, a opinião dos funcionários quanto ao uso da folksonomia no SAB e se, desta forma, a sua unidade de informação poderia ser considerada atualizada, julgando a folksonomia como uma ação de representação da informação inovadora, especialmente no que diz respeito às bibliotecas. Mais uma vez um resultado esperado foi confirmado, já que a partir das decorrências de aprovação e desejo de uso da folksonomia no *Ortodocs*, os pesquisados (70%) afirmaram que a biblioteca pôde ser considerada como atualizada ao adotá-la em seu SAB, indo ao encontro dos preceitos da *Web 2.0*. Prova disso é o desejo e a necessidade cada vez maior das bibliotecas, e unidades de informação em geral, de se integrarem aos ambientes da *Web 2.0*, como às redes sociais, e analisarem o que e como seus usuários estão tagueamento com fins de potencializar o sistema de classificação adotado, além de incentivar o compartilhamento de informação e publicitar os seus produtos e serviços.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo partiu do contexto de que a representação dos documentos deve estar compreensível aos usuários, segundo o uso de termos, palavras-chave, *tags*, descritores, símbolos etc. para sua efetiva organização e eficiente recuperação. Com os recentes adventos tecnológicos, novas características e aplicações vêm sendo assumidas por tais ações biblioteconômicas, como é o caso da folksonomia.

O uso da folksonomia ocorre na indexação e classificação em ambientes digitais, oriundos da *Web 2.0*. A partir dos preceitos da citada era da Internet, a folksonomia busca uma construção coletiva de conceito de um determinado termo em comum por uma comunidade, na forma da LN. No caso da biblioteca, os usuários podem contribuir com a indexação e classificação do seu acervo respondendo questões de referência, orientando os participantes no uso do sistema e, principalmente, oferecendo *tags* que venham a fazer parte da taxonomia base do sistema. Conforme pôde ser visto na pesquisa, apesar de alguns funcionários considerarem a folksonomia um termo desconhecido, a maioria aposta no novo, ao desejarem que a atualização do sistema (ou um novo) trouxesse melhorias. Mesmo que o uso seja inicialmente em pequena escala, que seria uma espécie de teste, acreditamos que esta tentativa traria novas expectativas para a biblioteca. A BC deve ser, ao mesmo tempo, ousada e cautelosa, pois a folksonomia usada de maneira incorreta pode trazer prejuízos ao SAB e, conseqüentemente, aos seus usuários.

Concluimos que o uso da folksonomia é desejado pela maioria dos funcionários pesquisados, na expectativa de um ambiente dinâmico e interativo a partir da representação da informação, de forma coletiva. A grande questão seria os usuários colaborarem uns com os outros, como também com os bibliotecários, apresentando sugestões de termos a serem inseridos na taxonomia padrão do sistema, ou seja, realizando a coexistência entre taxonomia e folksonomia.

Almejamos novos estudos, inclusive a realização de investigações sobre o *Ortodocs* após a atualização e/ou aquisição de novo sistema na BC/UFPB. Os modelos de SAB apresentam a mesma proposta de longa data, num formato rígido e arbitrário. Tomando como base os preceitos da *Web 2.0*, devemos apresentar novos protótipos. Talvez, a

desconfiança de estudiosos pelo olhar supostamente negativo à folksonomia pode ser um fator determinante para o uso de ambientes rígidos, pois o hibridismo de sistemas talvez seja o meio termo desse debate, ao qual um modelo potencializará e influenciará o outro com vistas à colaboração social.

ANALYZING THE VIEW OF USE BY FOLKSONOMY OFFICIALS OF THE UFPB CENTRAL LIBRARY

Abstract

Measures the desire to use folksonomy by employees who use Ortodocs, library automation system (LAS) adopted by the Central Library (CL) of the Federal University of Paraíba (FUP). Discusses library, information representation and Web 2.0, focusing on folksonomy. Adopts as methodological course the techniques of exploratory and bibliographic research with data collection approach quantitative and qualitative from 20 respondents from CL/FUP to the period 11 to 12 march of 2013. Finds as survey results the majority of respondents use the Internet more than 12 times a week, knows the meaning of the folksonomy term, approves the use of folksonomy in SAB and believes that the library can be considered updated to adopt the folksonomy, meeting of Web 2.0 principles. Concludes that the use of folksonomy is desired by the majority of employees surveyed because users could collaborate with each other as well as with librarians, with suggestions for terms to be entered into the system default taxonomy as coexistence between taxonomy and folksonomy. Expects to further studies, including investigations of the Ortodocs after the upgrade and/or acquisition of new system in CL/FUP because the hybrid systems may be the middle of this debate to which one will leverage model and influence the other with view to social collaboration.

Keywords

Library automation system. Representation of information. Folksonomy. Hybridity. Web 2.0. Federal University of Paraíba.

Artigo recebido em 25/09/2015 e aceito para publicação em 11/07/2016

REFERÊNCIAS

- ALECRIM, E. O que é RSS? **InfoWester**: conhecimento tecnológico ao seu alcance. 2011. Disponível em: <<http://www.infowester.com/rss.php>>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- AQUINO, M. C. Hipertexto 2.0, folksonomia e memória coletiva: um estudo das tags na organização da web. **E-Compós**: revista da associação nacional dos programas de pós-graduação em comunicação, p. 1-18, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/165/166>>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- BLATTMANN, U.; SILVA, F. C. C. Colaboração e interação na Web 2.0 e Biblioteca 2.0. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 12, n. 2, jul./dez. 2007. Disponível em:
- em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/530/664>>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- CAMPOS, L. F. B. WEB 2.0, BIBLIOTECA 2.0 E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (I): Um protótipo para disseminação seletiva de informação na Web utilizando mashups e feeds RSS. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 8. 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: ANCIB, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--232.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- CAPURRO, R. Epistemologia da Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003, Belo Horizontes. **Anais...** Belo Horizonte: ANCIB, 2003. Disponível em:

<http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 25 set. 2015.

CATARINO, M. E.; BAPTISTA, A. AL. Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web. **Data-GramaZero** – Revista de Ciência da Informação, v. 8, n. 3, jun. 2007. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun07/Art_04.htm>. Acesso em: 19 mar. 2014.

DA SILVA, M. B. A aplicação da folksonomia em sistemas de informação. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO (EBAI), 4., São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.congressoebai.org/wp-content/uploads/ebai10/EBAI10_artigo10.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2014.

_____; MIRANDA, Z. D. de. Estudo sobre a adoção da folksonomia em sistemas de informação: uma proposta de hibridismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <<http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/445/140>>. Acesso em: 25 set. 2015.

_____; NEVES, D. A. B. Estudo sobre o uso da teoria da classificação facetada em banco de dados. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/283/165>>. Acesso em: 19 mar. 2014.

DAVIS, I. **Talis, Web 2.0 and all that.** Internet Alchemy blog, 4 jul. 2005. Disponível em: <<http://blog.iandavis.com/2005/07/talis-web-20-and-all-that>>. Acesso em: 23 maio 2010.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos:** teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos, 1993.

LOPES, I. L. Uso das linguagens controlada e natural em bases de dados: revisão da literatura. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 41-52, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n1/a05v31n1.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

MANESS, J. M. TEORIA DA BIBLIOTECA 2.0: Web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 43-51, jan./abr., 2007. Disponível em: <periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/831/1464>. Acesso em: 15 mar. 2014.

MIRANDA, M. L. C. **Organização e Representação do Conhecimento:** fundamentos teórico-metodológico na busca e recuperação da informação em ambientes virtuais. 353 f. 2005. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). – Convênio CNPQ/IBICT – UFRJ/ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

O'REILLY, T. **What Is Web 2.0:** design patterns and business models for the next generation of software. 2005. Disponível em: <<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

PIEDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação.** 2. ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

SILVA, G.; S.; KATO, D. **Taxonomia e Folksonomia.** 2010. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/gledson82/taxonomia-e-folksonomia>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

SFERRA, H. H.; CORRÊA, A. M. C. J. Conceitos e aplicações de data mining. **Revista de ciência & tecnologia**, v. 11, n. 22, 2003. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revista/pdf/rct22art02.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2015.

VIERA, A. F. G.; GARRIDO, I. S. Folksonomia como uma estratégia para Recuperação Colaborativa da Informação. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação, v. 12, n. 2, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000010069&dd1=4775a>>. Acesso em: 19 mar. 2014.